

O estádio do espelho (Bertrand Ogilvie)

Bertrand Ogilvie – Lacan – A formação do conceito de sujeito .Capítulo 3 – “O estádio do espelho”
Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.

Original: Lacan. Le sujet. La formation du concept de sujet (1932-1949). PUF, Paris, 1987.

*“Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se vêem.
Um se beija no outro, refletido.
Dois amantes o que são? Dois inimigos. (...)”*

Destrução (Carlos Drummond de Andrade)

O estádio do espelho é a consequência do empenho de Lacan em elucidar o “obscuro narcisismo primário”. Lacan propôs-se continuar os estudos empreendidos por Freud em relação à origem do ‘eu’ (ego). Insatisfeito com a hipótese de que a origem da personalidade seria um efeito da cultura sobre a criança, Lacan volta-se para as relações intersubjetivas da primeira infância.

“Nunca mais Lacan irá buscar no campo social, como fazia na Tese, a chave de uma estrutura mental (...) da sociedade passa-se à família, da família ao espelho, antes de ser identificada, ainda mais tarde, como o lugar próprio do inconsciente, a linguagem”.

Embora o espelho constitua o ingresso na comunicação, está relacionado à linguagem visto que o bebê pode ingressar na comunicação graças ao discurso dos adultos. (Ou seja, o estádio do espelho ocorre em virtude da identificação com a posição de objeto, possibilitada pelo discurso do campo desejante; a identificação seguinte, com a posição de sujeito, também é possibilitada pelo lugar dado à criança no campo desejante).

Antes de ser “eu”, o ser humano é o “outro” dos seus desejantes. Ou seja, antes de chegar à primeira pessoa do singular, o bebê se auto-denomina em 3ª. pessoa.

‘Além do princípio da realidade’ (1936) e ‘Algumas reflexões sobre o ego’ (1951) são os textos lacanianos mais próximos a “O estádio do espelho como formador do eu”, escrito originariamente como comunicação ao Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Marienbad (1936) (mas que não foi registrado nos Anais desse Congresso) e reescrito, em forma definitiva, em 1949, para o Congresso Internacional de Zurique.

O estádio do espelho

“*Experiência de identificação fundamental*” (...) “*a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo*“. Primeiro passo para a construção da identidade, posição de objeto.-

Os três momentos da fase do espelho:

- ”Transitivismo normal” : o infans *é o espelho (a imagem) do Outro*.(Outra criança/bebê cai, o bebê chora; a “mãe” (o Outro) se angustia, o bebê também; “mãe” (o Outro) tranquila, bebê também). Pode-se dizer que nesse momento a criança se comporta como se ela fosse a imagem que reflete o comportamento do Outro (campo desejante). Nesse momento o infans *é o espelho do Outro*. (Infans = in, prefixo negativo, fans = verbo latino falar. Portanto, infans=não falante). Nesse momento, o bebê está indiferenciado do Outro.
- Diferenciação entre imagem real e virtual (*o bebê já não é a imagem do Outro*). O infans já não reage ao Outro (campo desejante), como se fosse sua cópia, seu eco. É indiferente à imagem, como se já não percebesse nela um outro bebê, mas tampouco se identificasse à imagem.
- O infans *é a imagem do espelho; esse outro, que está no espelho, é o infans*. A imagem especular apontada e descrita pelo adulto (“*essa é a sua boquinha, esse é seu narizinho, esses são seus olhinhos...*“), imagem apresentada como objeto de desejo do adulto, é a primeira forma de identidade do bebê. Identidade de objeto. Isso ajuda a compreender porque a criança se denomina inicialmente em terceira pessoa (ou seja, do mesmo modo como ela é denominada pelo adulto). Portanto, doravante o bebê está identificado com a imagem “legendada” pelo olhar/voz/toque do desejante.

Importante notar que a criança conquista esta identidade antes de qualquer esquema corporal, visto que sua coordenação motora, nesse momento (por volta dos 7, 8 meses) é muito precária. O esquema corporal e a coordenação motora são conseqüência, não causa, da identificação à imagem.

Aliás, ao passar para a posição de objeto, o bebê começa a comunicar-se (mas lembremos que comunicação, não é linguagem, embora linguagem – que comumente é “adquirida” no 2º. ano de vida – abranja a comunicação). Também ao passar para a posição de objeto a coordenação motora avança notavelmente (o bebê torna-se capaz de engatinhar). Segundo a hipótese desenvolvida por Lacan, à identificação com a posição de objeto será atribuído o acesso do bebê à coordenação motora e à comunicação.

Lacan descreve o estágio do espelho como metáfora da alienação, na medida em que

- 1) o protagonista se vê como uma unidade perfeitamente integrada (não sabe da sua “existência no Outro e para o Outro”) e
- 2) o espelho nada mais seria do que a metáfora do olhar (reconhecimento) do adulto. Ou seja, a constituição do sujeito depende fundamentalmente do “Outro”desejante (que Lacan escreverá com maiúscula (A, de Autre) para diferenciá-lo do [futuro] objeto de demanda, escrito “a” (minúscula), que representará a demanda consciente, que metaforiza e metonimiza[1] o desejo inconsciente). O objeto metafórico/metonímico será grafado por Lacan com minúscula (“a”, de “autre”).

É preciso acrescentar que o estádio do espelho se refere ao desejo (expresso pelo olhar, pelo toque, pela voz) dos protagonistas do campo desejante, e não ao espelho propriamente dito. Caso contrário não se entenderia como a criança cega passaria pelo ‘estádio do espelho’. O elemento central no estádio do espelho é a predominância, no discurso do campo desejante, da separação: “*Você e eu não somos o mesmo ser. Você tem um corpo (uma identidade) diferenciado do meu (da minha identidade)*”.

A reação do bebê frente ao espelho já havia sido estudada antes de Lacan. O pediatra e psicólogo francês Henri Wallon escreveu um artigo com o título “*Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio*”. Mas Wallon se interessa pelo aspecto do desenvolvimento, no caso a aprendizagem da diferenciação entre o virtual e o “real”, e não percebe que se trata de algo mais fundamental: o estabelecimento de um momento crucial no processo de constituição do sujeito.

Fora do campo psicanalítico, aliás, a personalidade é pensada como uma propriedade humana que fatalmente se estabelecerá, como consequência da somatória de experiências e da maturação orgânica. O autismo e a esquizofrenia infantis desmentem essa suposição. A identificação à posição de objeto (espelho) e à de sujeito (linguagem) não é automática, pode-se aceder ou não à nova posição.

A descrição de Wallon, bem interessante, busca entender como “a criança consegue unificar seu eu no espaço”. O pediatra/psicólogo testa o desenvolvimento infantil mediante a experiência do espelho (manchando o rosto do bebê para ver se ele reage tocando a tinta com a mão, ou se ele se vira para ver a luz piscando atrás dele).

Lacan, diferentemente, entende que se trata de uma vivência espontânea, marcada, aliás, menos pela reação diante do espelho do que pela atitude dos adultos em relação ao bebê (adultos que podem ou não “libertá-lo” da indiferenciação inicial).

Longe de apenas demonstrar o progresso do bebê, suas consequências permanecem ao longo de toda a vida enquanto estrutura do eu “em terceira pessoa” (eu como objeto). Dessa maneira, o “espelho” mostra como a identidade humana é primeiramente a de um ‘outro’, que depois se divide em um ‘eu’ em primeira pessoa e um ‘eu’ em terceira pessoa. O eu em terceira pessoa seria herdeiro do eu imaginário construído durante a fase do espelho. Em francês, a compreensão dessa divisão é facilitada pela existência de dois pronomes da primeira pessoa, ‘Je’ e ‘Moi’ (que *não* é correspondente ao pronome oblíquo ‘mim’ do português).

Antes de ter um desejo próprio, a existência humana representa a concretização do desejo do Outro. Portanto, a emergência do desejo humano (concomitante à aquisição da linguagem) se dá como *desejo do desejo do Outro*. Antes disso, os comportamentos do bebê/criança representam, através de demandas (querer/não querer), o desejo inconsciente do campo desejante.

O encerramento do texto de Ogilvie é instigante:

“...a observação da criança diante do espelho redistribui as relações entre exterior e interior. O desejo, o dinamismo libidinal, não é mais uma força misteriosa que viria do

fundo do sujeito e cuja origem orgânica se deveria discutir[2]; o mundo dos eventos externos não é uma exterioridade real que provocaria apenas reações: é um mundo de formas que confeccionam inicialmente o sujeito na forma de uma exterioridade a si mesmo... ”)

[1] Adiante serão redefinidos esses conceitos, já abordados nas aulas sobre os textos de Benveniste.

[2] Ou presumir (observação pessoal).

www.franklingoldgrub.com